

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia • Teologia • Prática

Volume 14
Número 2
Dezembro 2025

A INTERPRETAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

The Interpretation of Paul's Thought: A Historical Approach

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar historicamente os principais enfoques interpretativos do pensamento do apóstolo Paulo ao longo da história da igreja e da pesquisa acadêmica. Partindo de uma contextualização biográfica e ministerial do apóstolo, o texto demonstra a complexidade e a riqueza de sua teologia, bem como as dificuldades inerentes à sua interpretação. Em seguida, são apresentados os principais paradigmas hermenêuticos que marcaram a história da interpretação paulina, desde a igreja primitiva e a Idade Média, passando pela Reforma Protestante, o Iluminismo, o liberalismo teológico, o existencialismo de Rudolf Bultmann, até os enfoques judaico-escatológicos e a chamada Nova Perspectiva sobre Paulo. O artigo evidencia como muitas dessas leituras foram fortemente influenciadas por pressupostos filosóficos, culturais e teológicos próprios de cada época, resultando, em alguns casos, em reducionismos interpretativos. Por fim, sustenta-se que, embora as diferentes abordagens tenham contribuído para o avanço dos estudos paulinos, nenhuma delas esgota a complexidade do pensamento do apóstolo. Defende-se a centralidade da justificação pela fé na teologia paulina, sem desconsiderar suas raízes judaicas, seu desenvolvimento histórico e sua profunda experiência de conversão, considerada elemento indispensável para a compreensão adequada de sua teologia.

Palavras-chave: Paulo. Teologia Paulina. Justificação pela Fé. Hermenêutica Bíblica. História da Interpretação.

ABSTRACT

This article aims to present a historical analysis of the main interpretative

¹ Luiz Sayão, teólogo, linguista e hebraísta (Mestrado USP), tradutor da Bíblia, é professor da área bíblica e teológica, bem como conselheiro acadêmico da Faculdade Batista Pioneira e pastor da Igreja Batista Nações Unidas em São Paulo. E-mail: sayao@luiz@gmail.com

approaches to the thought of the apostle Paul throughout the history of the church and biblical scholarship. Beginning with a biographical and ministerial overview of Paul, the study highlights the complexity and depth of his theology, as well as the challenges involved in its interpretation. The article then examines the major hermeneutical paradigms that have shaped Pauline studies, including perspectives from the early church, the Middle Ages, the Protestant Reformation, the Enlightenment, liberal theology, Rudolf Bultmann's existentialist interpretation, Jewish and eschatological approaches, and the so-called New Perspective on Paul. The discussion demonstrates how many of these interpretations were deeply influenced by philosophical, cultural, and theological presuppositions specific to their historical contexts, often leading to interpretative reductionism. In conclusion, the article argues that although diverse perspectives have contributed valuable insights to Pauline studies, none fully captures the complexity of Paul's theology. It affirms the central role of justification by faith while emphasizing Paul's Jewish background, theological development, and transformative conversion experience as essential elements for a comprehensive understanding of his thought.

Keywords: Paul. Pauline Theology. Justification by Faith. Biblical Hermeneutics. History of Interpretation.

INTRODUÇÃO

O apóstolo Paulo é sem dúvida o maior teólogo do cristianismo. A sistematização fundamental da fé cristã primitiva tem na figura do apóstolo seu representante mais importante. Apesar de ter sido um apóstolo tardio (1Co 15.8,9) e de não ser o autor mais prolífico do Novo Testamento, Paulo é de fato o primeiro teólogo sistemático cristão, no sentido básico da palavra. Estamos seguros de que não é demais afirmar que o apóstolo Paulo foi a pessoa mais importante da história da fé cristã depois do próprio Jesus Cristo.

Todavia uma avaliação do pensamento paulino não é tarefa nada fácil. Muitas questões devem ser enfrentadas numa empreitada de tal envergadura. Qual é a principal fonte do pensamento de Paulo? Qual é a influência cultural predominante em seus escritos? É preponderantemente judaica? Grega? Romana? Como seu pensamento distingue-se dos outros autores do Novo Testamento? Até que ponto Paulo é original? Como se organiza sua teologia? Há algum tema dominante? Existe um desenvolvimento do pensamento paulino? Estas são algumas das principais perguntas que todo estudioso sério precisa abordar ao tentar compreender o pensamento do apóstolo dos gentios.

Curiosamente, o tema “Paulo” tem se tornado cada vez mais digno de nota nos últimos anos. Recentemente, dezenas de artigos e de programas populares de perfil mais secular têm aparecido em diversos lugares do mundo. A maioria deles é elaborada por pessoas leigas, ainda que possuam um delineamento bem crítico. De modo geral, tais artigos costumam questionar a historicidade de Paulo, conforme descrita no Novo Testamento, seu perfil judaico, sua doutrina e até sua saúde mental. Muitos desses textos têm sugerido que existe uma profunda ruptura entre o pensamento de Paulo e o de Jesus.² Sabendo que o pensamento de Paulo é uma das bases fundamentais da teologia do Novo Testamento e que a sua prática se tornou o modelo pastoral e missionário mais exemplares para os cristãos de todos os tempos, mais do que nunca, informar-se sobre Paulo e sobre os enfoques sobre seu pensamento merece toda atenção.

² Exemplos dessas tendências vieram à tona recentemente em revistas populares como “Superinteressante, dezembro de 2003” e em programas culturais sobre a Bíblia do *History Channel*.

1. PAULO E SEU MINISTÉRIO

O nome judaico de Paulo³ é *Shaul* (Saul ou Saulo); esse nome provavelmente lhe fora dado pelo fato de ele pertencer à tribo de Benjamim que historicamente teve o rei Saul como seu mais famoso integrante. O cidadão romano Paulo (seu nome latino) nascera em Tarso, antiga capital da Cilícia situada junto ao rio Cidno. A cidade fora helenizada e se tornara um centro de cultura grega, chegando a contar com cerca de 250.000 habitantes. Paulo cresceu dentro da tradição judaica religiosa, muito bem instruído na Torá hebraica (At 26.4-8). Desse modo, o jovem Paulo cresceu aprendendo o grego, o hebraico, o aramaico (língua comum entre os judeus na época), e adquiriu também o ofício de fazedor de tendas (At 18.3). Ainda muito jovem Paulo foi estudar com o famoso rabino Gamaliel, neto de Hilel (At 22.3). Como fariseu, Paulo tornou-se um estrito seguidor da lei e da tradição judaicas (Fp 3.5).⁴

Depois de tornar-se um dos principais perseguidores da igreja cristã incipiente (At 8.3), Paulo converteu-se a Cristo na famosa estrada de Damasco (At 9.1-19) de forma extraordinária. Juntamente com sua conversão, Paulo recebeu sua chamada apostólica para a pregação do evangelho de Cristo ao mundo gentílico (At 9.15). A conversão de Paulo ocorreu provavelmente entre os anos 32-35⁵, sendo seguida por uma viagem à Arábia (Gl 1.17) e a Damasco (2Co 11.32). É possível que no ano 35 ou 38 Paulo tenha visitado Pedro em Jerusalém (At 9.26-30; Gl 1.18). Depois disso, o apóstolo dirigiu-se para as regiões da Cilícia da Síria (Gl 1.21), onde ficou possivelmente cerca de dez anos (35/38-45/46). Sua segunda visita a Jerusalém deve ter ocorrido em 46 (Gl 2.1). Daí em diante começam as grandes viagens missionárias de Paulo, o apóstolo dos gentios.

A primeira viagem missionária de Paulo deve ter ocorrido provavelmente entre 46-48.⁶ Teve início em Antioquia da Síria e é descrita em Atos 13-14. Paulo, acompanhado de Barnabé e, por algum tempo, por João Marcos, evangeliza a ilha de Chipre e a região da Galácia (Ásia Menor). Esta viagem parece ter sido a causa do Concílio de Jerusalém, realizado no ano 49 para resolver o problema da relação entre os judeus cristãos e os gentios recém-convertidos ao cristianismo (At 15.1-35). A segunda viagem missionária tem lugar entre 49-52. Acompanhado de Silas, Paulo evangeliza e fortalece as igrejas cristãs formadas na primeira viagem na região da Ásia Menor. Diversas cidades da região da atual Turquia, bem como da Macedônia (Filipos, Tessalônica e Bereia) e da Acaia (Corinto e Atenas) são visitadas pelo apóstolo (At 15.36-18.18). As cidades de Filipos e de Corinto, onde Paulo permanece por cerca de um ano e meio, merecem particular destaque. A terceira viagem aconteceu provavelmente entre os anos 52-57. A descrição da mesma aparece em Atos 18.23-20.6. A base do trabalho de Paulo nessa terceira viagem é a cidade de Éfeso, onde ele permaneceu por cerca de três anos. De lá, de seu ministério realizado a partir da escola de Tirano, Paulo evangeliza gente de “todo o mundo”. Em Éfeso são escritas as cartas aos coríntios. No final da terceira viagem, Paulo viaja para Jerusalém por ocasião da Páscoa. Lá é preso, acusado pelos líderes judeus de ter levado o gentio Trófimo ao templo. Depois de passar dois anos preso na capital romana da Judeia, Cesareia (57-59), o apóstolo apela para César e é levado para Roma. A viagem, marcada por grandes dificuldades, é interrompida pelo naufrágio em Malta. Depois de passar o inverno com os demais passageiros do navio nessa ilha mediterrânea, impossibilitados de navegar por razões meteorológicas, Paulo vai finalmente para Roma no começo da primavera do ano 60. Em Roma (At 28) fica numa prisão domiciliar, possivelmente até o ano 62. Muito provavelmente pela desistência de seus acusadores, Paulo acaba sendo libertado e prossegue seu ministério apostólico. Todavia, não temos mais informação sobre o

³ Conforme o testemunho de Atos e das primeiras epístolas paulinas.

⁴ Muito da informação histórica aqui descrita tem sua base no artigo sobre Paulo do *Novo Dicionário da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova) e em GUNDRY, R. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

⁵ A indefinição ocorre principalmente pelo problema dos “três” e “catorze” anos mencionados em Gálatas 1.18 e 2.1. Veja HALE, B. D. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 201, e SOARDS, M. “Paul”, in: **Merger Dictionary of the Bible**. Macon: Mercer University Press, 1990, p. 660.

⁶ A cronologia é tradicional e segue GUNDRY, R. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1991. A literatura erudita apresenta divergências ainda que não muito expressivas na tentativa de relacionar Atos e a cronologia secular. Para mais detalhes consulte KÜMMEL, W. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982.

apóstolo no livro de Atos.

O período que vai da libertação de Paulo até à sua morte é difícil de ser historicamente reconstruído. Algumas fontes clássicas como a epístola de Clemente, o Cânon Muratoriano e até o livro apócrifo dos Atos de Pedro falam de uma viagem à Espanha (Veja Rm 15.24-28). Além disso, as chamadas epístolas pastorais sugerem uma intensa atividade paulina nesse período.⁷ Aqui é necessário falar um pouco sobre a autoria das cartas paulinas. Não há praticamente dúvida de que Paulo é de fato autor das demais cartas chamadas paulinas (por ordem cronológica): Gálatas, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom.⁸ Uma boa tentativa de reconstrução do ministério paulino pós-Atos aparece com detalhes nas notas da Bíblia de Estudo NVI.⁹ A partir de várias referências das epístolas pastorais sugere-se que, entre os anos 62-67, Paulo tenha estado em Roma, Espanha, Creta, Mileto, Colossos, Éfeso, Filipos, Nicópolis e Roma novamente na ocasião de sua morte por martírio em Roma no ano 67.

Finalizando esta introdução, faz-se necessário dizer que é quase impossível fazer um resumo adequado da teologia paulina em tão poucas páginas. O pensamento de Paulo é a principal fonte de teologia propriamente dita, cristologia elaborada, hamartiologia e soteriologia do Novo Testamento, sem falar em sua escatologia. O protestantismo clássico sempre considerou a justificação pela fé e a reconciliação do homem com Deus por meio de Cristo o âmago da teologia paulina. Adolph Harnack o considera a principal fonte da história do dogma.¹⁰ Além disso, é preciso reconhecer que o pensamento de Paulo se mostra bastante complexo, conforme a avaliação do próprio Pedro (2Pe 3.16). Portanto, qualquer avaliação simplista de Paulo estará desconsiderando sua complexidade (inclusive lógica) e o seu desenvolvimento interno.¹¹ Todavia algumas questões importantes adquiriram relevância e merecem atenção especial:

2. A IGREJA PRIMITIVA E A IDADE MÉDIA

Uma das grandes polarizações construídas na interpretação do pensamento paulino foi a relação judaico-gentílica. A discussão já pode ser sentida no próprio livro de Atos como também em diversas epístolas, principalmente Gálatas e Romanos. Teve grande impacto na igreja primitiva e foi retomada de modo preponderante no século XIX, principalmente na Alemanha.¹²

O primeiro intérprete de Paulo que merece atenção foi o reconhecido primeiro herege cristão Márcion (140 d.C.). No segundo século, Márcion desenvolveu um pensamento nitidamente anti-judaico. Com seus pressupostos, ele considerava o Antigo Testamento muito inferior ao Novo e rejeitou tudo o que considerava judaico no Novo Testamento. Assim, Márcion delimitou um cânon neotestamentário composto pelo evangelho de Lucas e pelas tradicionais dez epístolas paulinas (inclusive Hebreus, mas,

⁷ Quase que exclusivamente os autores conservadores aceitam a autoria paulina das epístolas pastorais. A maioria dos estudiosos de hoje as consideram deuteropaulinas. Para uma avaliação das posições e dos argumentos veja KÜMMEL, 1982; CARSON, D. A.: MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. Veja também HALE, 2001.

⁸ Pressupondo que a carta aos Gálatas foi escrita por ocasião do Concílio de Jerusalém (cerca de 49) e que Hebreus não pode ser uma carta paulina.

⁹ **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003, p. 2070.

¹⁰ HOWELL Jr, D. N. **Biblioteca Sacra**, V.150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.

¹¹ Sobre o desenvolvimento do pensamento paulino veja PESCE, Mauro. **As duas fases da pregação de Paulo**: da evangelização à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996. Série Bíblica Loyola – 20.

¹² Dentre os muitos livros sobre Paulo em português que merecem destaque estão: BORNKAMM, G. **Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003; CARRÉZ, Maurice. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987; CASALEGNO, Alberto. **Paulo: Evangelho do amor fiel de Deus**. São Paulo: Loyola, 2001; CERFAUX, L. **Cristo na Teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2002; CERFAUX, L. **O Cristão na Teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003; COTHENET, Edouard. **Paulo: apóstolo e escritor**. São Paulo: Paulinas, 1999; ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo**: a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997; FABRIS, Rinaldo. **Paulo: apóstolo dos gentios**. São Paulo: Paulinas, 2001; FEE, Gordon D. **Para ler Paulo**. São Paulo: Loyola, 1996; KÄSEMAN, E. **Perspectivas Paulinas**. São Paulo: Teológica, 2003; KEE, H. C. **As origens cristãs em perspectiva sociológica**. São Paulo: Paulinas, 1983; MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos**: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992; MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo**: tornar-se humano juntos. São Paulo: Paulus, 1982; MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo: biografia crítica**. São Paulo: Loyola 2000; PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1987; ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

sem incluir as cartas pastorais). Para Márcion, Paulo devia ser visto como um apóstolo anti-judaico que, ao pregar a graça de Cristo, rejeitava a lei e o Deus do Antigo Testamento, rompendo assim radicalmente com toda a tradição judaica.

De maneira absolutamente oposta a essa posição, também já no segundo século, a seita dos ebionitas (literalmente “os pobres”) entendia que Paulo era um apóstolo absolutamente judaico. Sendo um grupo de judeus cristãos da igreja primitiva, defendiam a guarda do sábado, a prática da circuncisão e davam grande valor à lei. Os ebionitas acabaram rejeitando as epístolas paulinas e faziam distinção entre o Jesus histórico e o Cristo eterno.

Como se poderia esperar, tais posições extremas e exageradamente polarizadas acabaram sendo rejeitadas pela igreja primitiva. Todavia, devido ao crescimento da igreja cristã gentílica e pela rejeição majoritária de Cristo Jesus pelos judeus, as raízes judaicas de Paulo foram desconsideradas pelo pensamento teológico dominante da cristandade dos primeiros séculos. Nomes como Irineu, Orígenes, Crisóstomo e Jerônimo comprovam tal perfil.

O mais famoso teólogo que deu contornos à igreja medieval foi, sem dúvida, Agostinho de Hipona. Vivendo no século quarto, Agostinho delimitou uma ampla teologia que estabeleceu os rumos do pensamento cristão medieval por quase um milênio. Em parte, devido à sua vida pagã muito pecaminosa, Agostinho enfatizou os aspectos hamartiológicos e soteriológicos do pensamento de Paulo. Temas como a libertação da culpa e da lei foram enfatizados pelo bispo de Hipona. Sua relação empática com o pensamento platônico abriu caminho para que sua síntese teológica que unia soteriologia paulina e platonismo contribuísse para o monasticismo medieval. Por outro lado, Agostinho estabelece as bases para o enfoque que a Reforma Protestante sobre Paulo, principalmente o de Lutero.

3. A REFORMA

Não é exagero afirmar que a Reforma Protestante do século XVI deve ser percebida como um retorno ao pensamento de Paulo. Os nomes mais destacados da Reforma, Martinho Lutero e João Calvino, construíram sua teologia principalmente sobre os escritos paulinos. É mais do que senso comum o fato de que Lutero afirmou a “justificação pela fé, independente das obras” (Rm 3.28) como a verdade doutrinária de que deveria ser retomada contra a perspectiva católico-romana. De fato, para Lutero a “justificação pela fé” paulina tornou-se a doutrina cristã mais importante. Por meio dela todas as outras doutrinas e práticas devem ser avaliadas. Além disso, merece especial destaque o fato de que Lutero considerava a “justificação pela fé” como o centro da teologia de Paulo.¹³

A percepção do significado da justiça divina atribuída ao pecador, justificando-o pela fé podem ser observados nas próprias palavras do reformador alemão Martinho Lutero: Por fim, pela misericórdia de Deus, meditando dia e noite, dei ouvidos ao contexto das palavras, a saber, “nele a justiça de Deus é revelada, conforme está escrito: ‘Aquele que pela fé é justo viverá’”. Ali comecei a compreender que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo vive por uma dádiva de Deus, isto é, pela fé. E este é o significado: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, ou seja, a justiça passiva com que o Deus misericordioso nos justifica pela fé, conforme está escrito: “Aquele que pela fé é justo viverá”. Aqui senti que era inteiramente nascido de novo e havia entrado no próprio paraíso, atravessando portões abertos. Ali manifestou-se a mim uma face totalmente diversa de toda a Escritura. A partir dali percorri de memória as Escrituras. Também descobri em outros termos uma analogia, como a palavra de Deus, ou seja, o que Deus faz em nós, o poder de Deus, com que ele nos torna fortes, a sabedoria de Deus, com que ele nos faz sábios, a força de Deus, a salvação de Deus, a glória de Deus. E exaltei minha palavra mais doce com um amor tão grande quanto o ódio com que antes odiava a palavra “justiça de Deus”. Assim, aquele lugar em Paulo foi para mim verdadeiramente o portão do paraíso.¹⁴

¹³ Veja o artigo 4 da Confissão de Augsburgo em GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

¹⁴ Martinho Lutero, **Obras 34.337**. Conforme citado por STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo**. São Paulo: Vida

Essa descoberta exegética o levou a ver o ensino de Paulo acerca da justificação do pecador somente pela fé como o centro definitivo de toda a mensagem bíblica da salvação. Quanto mais Lutero entrava em conflito com os representantes da doutrina católica tradicional da justificação, por causa de seu novo entendimento da justificação, tanto mais se identificava com a luta de Paulo contra os falsos mestres judaizantes e os oponentes judeus. Lutero considerava os adversários judeus e judeu-cristãos de Paulo semelhantes aos teólogos católicos de sua época, enquanto ele e seus seguidores apareciam no papel de Paulo e seus pupilos. Essa falta de distinção entre perspectivas históricas e dogmáticas mantém-se até hoje como um fator da erudição paulina alemã.¹⁵

No caso do pensamento de Calvino, o enfoque sobre o pensamento de Paulo não foi diferente. Dando devida atenção a Romanos e a Gálatas, os reformados de Genebra também deram destaque à “justificação pela fé”. Esta ênfase na “justificação pela fé” também lhe concedeu lugar central na teologia calvinista. Os reformadores argumentaram em favor de uma justiça dada ao pecador pela fé e pela graça em Cristo (Ef 2.8). Foi destacado o aspecto forense de tal justificação, que posteriormente traria resultados éticos, marca do protestantismo histórico. Portanto, para o pensamento reformado clássico, tanto luterano como calvinista, Paulo era o apóstolo da graça, que priorizava a soteriologia, tendo a justificação pela fé como tema principal. O enfoque só haveria de fato de ser mudado com o surgimento da crítica liberal alemã, fruto do Iluminismo.

4. O ILUMINISMO

O Iluminismo inaugurou uma nova era nos estudos das Escrituras.¹⁶ O movimento, como se sabe, glorificava a razão autônoma e interpretava a religião sob prisma racionalista e antissobrenaturalista. Foi o iluminismo do século XVIII que deu origem ao método histórico crítico da Bíblia. O enfoque sobre Paulo nesse contexto foi exageradamente helênico. O pensamento de Paulo tinha explicação em seu paralelo com o mundo grego. Sob tal enfoque, na Alemanha, surgiu a pesquisa sobre o apóstolo denominada *Paulusforschung*.¹⁷

Uma de maiores expressões dessa tendência surgiu no século XIX. Seu nome era F. C. Baur, expoente da famosa Escola de Tübingen.¹⁸ Com a publicação do artigo “*Die Christuspartei in der korinthischen Gemeinde*” no *Tübinger Zeitschrift für Theologie* (1831), e de sua obra posterior, *Paulus der Apostel Jesu Christi*, de 1845, Baur deixou claro suas convicções. Baur acreditava que o cristianismo primitivo estava radicalmente dividido entre a igreja de Jerusalém e as igrejas gentílicas, que eram ligadas a Paulo. Sob o enfoque dialético nitidamente hegeliano, Baur via a igreja judaica, sob direção de Pedro e Tiago, muito ligada à lei e ao judaísmo, definida por uma ruptura teológica com as igrejas fundadas por Paulo, marcadas pela liberdade cristã. Tal ruptura deu origem a um conflito teológico e eclesiástico, que poderiam ser percebidos em Gálatas e nas cartas aos Coríntios. As demais epístolas, que não apresentavam tal conflito, não poderiam ser consideradas paulinas. Além das cartas já mencionadas, apenas Romanos seria autêntica. Seguindo sua dependência de Hegel, Baur entendia que a síntese do conflito judaico-gentílico só poderia ter surgido no segundo século, quando teriam sido escritas as demais epístolas de Paulo, chamadas de “deuteropaulinas”, e o próprio livro de Atos. A perspectiva filosófica de Baur controlou nitidamente seu enfoque.

Respostas às ideias de Baur foram dadas por estudiosos de peso como J. B. Lightfoot, Theodor Zahn e William Ramsay.¹⁹ Lightfoot, por exemplo, estudou os pais da igreja e mostrou que as conclusões de Baur

¹⁵ Nova, 2003, p. 136.

¹⁶ STUHLMACHER; HAGNER, 2003, p. 136.

¹⁷ Grande parte das informações aqui encontradas tem como fonte o artigo de D. N. HOWELL, em *Biblioteca Sacra*, V150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.

¹⁸ Com base no artigo sobre Paulo na **ISBE**, ORR, James (edit.). Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

¹⁹ Eruditos de expressão como Semler, Michaelis, Schleiermacher e Eichhorn iniciaram a crítica literária do Novo Testamento e foram precursores de F. C. Baur.

²⁰ A obra de RAMSAY. **St. Paul the Traveller and the Roman Citizen** (1897), discute Paulo à luz de sua cidadania romana. Paulo vê Roma

foram inadequadas e careciam de fundamento histórico seguro. Não era possível colocar a data de tantas epístolas paulinas (ou “deuteropaulinas”) no segundo século. A escola de Tübingen foi considerada radical, sendo exageradamente crítica e dependente do hegelianismo. A elaboração de Baur, todavia, levantou questões cruciais com respeito aos estudos paulinos: Qual a relação entre Paulo e Jesus? Qual foi o papel do pensamento judaico na igreja primitiva? E do pensamento grego? Com que pressupostos deve-se estudar a igreja primitiva?

5. A ESCOLA DAS RELIGIÕES COMPARADAS

No final do século dezenove surge um novo enfoque sobre os estudos bíblicos na Alemanha o que foi chamado de *Religionsgeschichtliche Schule*. Tal abordagem, ainda basicamente helênica, pretendia entender o cristianismo primitivo, bem como o pensamento paulino, a partir de sua relação com o paganismo do mundo greco-romano. Os cultos de mistério e os demais cultos pagãos da época²⁰ foram considerados as principais fontes de inspiração da cristologia paulina. Foram traçados paralelos e semelhanças entre o pensamento de Paulo e tais cultos. Conceitos como o do deus redentor redivivo, o *kyrios* exaltado, a redenção sacramental e a participação mística com divindade seriam ideias pagãs que influenciaram decisivamente a cristologia paulina, na opinião dos estudiosos dessa nova abordagem. Tendo crescido em Tarso, Paulo teria sido influenciado por tais ideias que acabaram moldando sua teologia. O conceito paulino de mistério, espírito e conhecimento (*gnosis*) foram explicados a partir de tal perspectiva. Dois eruditos destacados que defenderam essa posição, procurando relacionar o paulinismo com a literatura hermética e o gnosticismo, foram W. Bousset e R. Reitzenstein.²¹

Além disso, é preciso ressaltar que a descoberta dos manuscritos de Cunrã e os estudos posteriores sobre o judaísmo intertestamentário acabaram enfraquecendo de modo decisivo as conclusões da escola de religiões comparadas. A polarização absoluta entre judaísmo e helenismo fora mais uma elaboração hegeliana; não se comprovava pelos fatos. De fato, a terminologia paulina que se assemelhava de alguma forma aos cultos pré-gnósticos e de mistério da Ásia Menor seria mais facilmente explicadas por sua metodologia missionária transcultural.

6. O LIBERALISMO

O liberalismo clássico, desenvolvido paralelamente à escola de religiões comparadas desde o final do século XIX, foi também muito influenciado pelo racionalismo filosófico. Com respeito ao pensamento de Paulo, os liberais tiveram a tendência de dar maior atenção ao relacionamento entre Paulo e Jesus. Por exemplo, em 1904, W. Wrede, em sua obra *Paulus*, sustentou uma polarização completa entre Jesus e Paulo, negando também que a justificação pela fé fosse a doutrina central da teologia de Paulo. Para ele, a teologia paulina era absolutamente independente. Em *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien*, de 1901, por exemplo, Wrede afirma que Jesus nunca reivindicou ser o Messias; tal elaboração teológica teve origem na igreja primitiva. O tão conhecido “segredo messiânico” do evangelho de Marcos teria sido inserido posteriormente com finalidades teológicas. Para Wrede, Paulo desenvolveu uma teologia nova, nitidamente distinta do pensamento de Jesus.

Além disso, como é bem conhecido, de modo geral, o Jesus dos liberais foi reduzido a um mestre religioso que apenas defendia a ética do amor e a liberdade espiritual. A teologia foi reduzida à ética. Todo elemento sobrenatural do evangelho foi rejeitado ou passou a ser entendido como mito. Um dos estudiosos liberais que dedicou muita atenção ao estudo de Paulo foi H. J. Holtzmann. Sua obra *Lehrbuch der neutestamentlichen Theologie*, publicada em 1911, sob nítido prisma racionalista, rejeitou o enfoque forense

positivamente, afirmando que sua autoridade política vem de Deus (Rm 13,1-7). Ele se vê e se porta como um cidadão romano. Suas pesquisas históricas fizeram-no abandonar os pressupostos de F. C. Baur.

²⁰ Exemplos de movimentos religiosos com tal perfil são os cultos de Cíbele na Ásia Menor, o mito de Ísis e Osiris no Egito e do Mitráismo de Roma.

²¹ Tais conclusões provaram-se inadequadas. Entre os seus principais críticos destacam-se E. Best, B. Gaertner e C. A. Pierce.

da justiça divina, historicamente defendido pelos reformadores. Paulo foi interpretado de modo mais místico e ético. O centro da teologia paulina (e neotestamentária) não era a história objetiva de Cristo, mas sim a comunhão dos cristãos com Cristo no sentido ético e místico (subjetivo), o que produziria amor e liberdade. A fé cristã fora reduzida à ética e a uma religiosidade de perfil relacional. O enfoque liberal, à semelhança de outras perspectivas críticas, também entendia que a principal influência do pensamento de Paulo era o paganismo greco-romano.

7. O EXISTENCIALISMO DE BULTMANN

Rudolph Bultmann, um dos maiores estudiosos do Novo Testamento do século XX, produziu vasta literatura sobre o assunto entre os anos 1920 e 1960.²² Bultmann foi muito influenciado pelo pensamento existencialista de Martin Heidegger. Por incrível que possa parecer para muitos estudiosos mais conservadores, a preocupação inicial de Bultmann era apologética. Seu interesse foi tornar o evangelho atraente ao homem moderno, extraíndo dele os elementos pertinentes à cosmovisão primitiva e ultrapassada do primeiro século da era cristã. Por isso, Bultmann usou a terminologia “demitologização” do Novo Testamento. Apesar de seus esforços, porém, com sua demitológização e seu existencialismo, Bultmann acabou desvalorizando a base histórica do evangelho. De maneira bem coerente, em seu pensamento, Paulo acabou recebendo o mesmo enfoque; em sua abordagem, ele ignora a história redentiva e a dimensão corporativa e cosmológica de Paulo. Na verdade, seguindo a herança helênica alemã, Bultmann acabou entendendo o paulinismo a partir de uma suposta relação com um tipo de gnosticismo incipiente. A pessoa de Cristo teria paralelo com uma figura redentora celestial que desce, batalha e liberta o homem dos poderes cósmicos maus. Tal visão recebe uma leitura existencialista, na qual Bultmann entende que o verdadeiro conhecimento é recebido no *kerygma*, permitindo ao homem alcançar autenticidade e autocompreensão.

Bultmann divide o pensamento de Paulo em duas partes: “o homem antes da revelação da fé” e “o homem sob a fé”. A teologia paulina é sobreposta pela antropologia. A obra salvífica de Cristo, sua morte e ressurreição não são fatos históricos no sentido comum do termo. Ocorrem na proclamação, chamando o homem a uma decisão de fé. É uma convocação à autenticação da existência; trata-se de uma autocompreensão e de uma abertura para o futuro, que mostram o enfoque antropológico da interpretação de Bultmann.

Bultmann teve o mérito de tentar apresentar um evangelho adequado ao homem contemporâneo. Todavia, sua posição radical impediu-o de construir uma teologia mais duradoura e mais dependente do próprio texto bíblico. Aliado a tal dificuldade, Bultmann elaborou sua obra numa época em que a oposição entre helenismo e judaísmo parecia ser absoluta para os estudiosos, e muito material descoberto sobre o gnosticismo e os escritos de Cunraã trouxeram informação suficiente para confirmar a fragilidade dos pressupostos bultmanianos.

8. O ENFOQUE JUDAICO E ESCATOLÓGICO

Não é difícil perceber que o Novo Testamento apresenta uma vasta gama de textos que focalizam o pano-de-fundo judaico do apóstolo Paulo (Fp 3.5-6; At 9.1-2; 22.3-5; 23.6; 26.5-6,9-12; Gl 1.13-14). Mesmo depois de convertido ao Messias Jesus, Paulo continua considerando-se judeu (At 20.17-26; Rm 3.1-2; 9.1-5; 10:1). Infelizmente, a obsessão pelo helenismo e tendências antisemitas de grande parte da teologia ocidental ofuscaram o elemento judaico no pensamento de Paulo. Estudos mais recentes baseados principalmente nos manuscritos de Cunrã e na vasta literatura rabínica acabaram por perceber e valorizar o pano-de-fundo judaico da teologia paulina.

A primeira tendência desse enfoque pode ser percebida no pensamento do grande gênio alsaciano Albert Schweitzer.²³ Seu enfoque sobre o cristianismo era bem liberal, quando comparado com o consenso

²² Sua clássica e volumosa *Teologia do Novo Testamento* foi recentemente publicada pelo Editora Teológica, S. Paulo.

²³ Albert Schweitzer, vencedor do prêmio Nobel da paz de 1952, foi uma das pessoas mais impressionantes da história. Além de ser médico,

evangelical,²⁴ e enfatizava o seu aspecto apocalíptico. Segundo o “grande doutor branco do Gabão” Jesus fora um pregador apocalíptico que anunciaava a chegada do Reino de Deus. Frustrado por sua desilusão, Jesus entregou-se à morte, crendo estar assim inaugurando o ansiado reinado divino. Posteriormente, em sua *Geschichte der Paulinischen Forschung*, de 1911, Schweitzer conseguiu comprovar que a radical oposição liberal entre Paulo e Jesus era inadequada e não refletia a realidade dos fatos. Mais tarde, em sua obra *Die Mystik des Apostels Paulus*, de 1930,²⁵ Schweitzer afirmou que Paulo também era um apocalíptico, como Jesus. Sua tarefa foi uma reelaboração da escatologia de Jesus. Paulo tentou relacionar a tensão escatológica entre “o já” e o “ainda não”, isto é, entre o evento de Cristo e a plena realização futura do Reino. Tal tensão estava calcada no pensamento judaico da época. A escatologia presente, ou realizada, seria encontrada na doutrina mística da identificação do crente com Cristo. A fórmula “estar em Cristo” é o centro da teologia paulina e controla todos os outros temas teológicos do apóstolo, que não poderia ser explicada à luz do paganismo, nem do pensamento grego. Schweitzer afastou-se dos paradigmas reformados quanto à doutrina da justificação pela fé, e deixou isso claro quando escreveu: “A doutrina da justiça pela fé é uma cratera secundária, formada dentro das bordas da cratera principal, a doutrina mística da redenção por meio do ‘estar em Cristo’”.²⁶

A importância histórica de Schweitzer está no fato de seu pensamento abrir caminho para o enfoque judaico do pensamento de Paulo, principalmente expresso na ênfase do aspecto escatológico do paulinismo. A nova estrada aberta por Schweitzer foi ampliada por estudiosos mais recentes. Os estudiosos judeus C. G. Montefiore²⁷ e H. J. Schoeps²⁸ por exemplo tentaram entender o pensamento de Paulo sob o prisma judaico, fazendo distinção entre o judaísmo helenístico de Paulo e o farisaísmo de Israel, considerado mais legalista pelo apóstolo.

Todavia, foi outro erudito que enfatizou mais claramente as raízes judaicas da teologia paulina. O estudioso W. D. Davies²⁹ abordou o pensamento de Paulo a partir de fontes rabínicas e do farisaísmo do primeiro século. Conforme tem sido confirmado pelos estudos mais recentes, Davies parte da ideia de que a distinção entre judaísmo de Israel e helenizado não pode ser mais considerada muito definida. A descobertas dos manuscritos do mar Morto e de outros testemunhos do primeiro século confirmaram que o judaísmo dos dias de Jesus era multifacetado e complexo. Portanto, Davies rejeitava a ideia de que Paulo opunha-se à lei. O apóstolo deve ser visto como um judeu de linha farisaica. Na opinião de Davies, Paulo reinterpretou a lei, identificando-a com Cristo. Ele deu atenção às considerações paulinas sobre a participação do crente na vida de Cristo e no conceito de corpo de Cristo, derivando-o da ideia de solidariedade corporativa do Antigo Testamento.³⁰ Davies, portanto, sugere que Paulo mantém uma relação de continuidade com o judaísmo e suaviza o confronto do apóstolo com os judeus e judaizantes do primeiro século.

O enfoque judaico está diretamente relacionado com a ênfase no aspecto escatológico do pensamento paulino, realçado pelos estudos de Schweitzer. Entre os estudiosos que merecem destaque nesta abordagem estão C. H. Dodd, W. G. Kümmel e Oscar Cullmann. O britânico C. H. Dodd entendeu que a morte de Cristo trouxe de fato a chegada da era vindoura. A escatologia era, portanto, realizada. De fato, o cristão já

foi um excelente intérprete de Bach, um teólogo expressivo e contava com uma saúde muito resistente, tendo morrido com 90 anos de idade, a maioria deles vivendo no interior da África equatorial, cuidando de leprosos e de doentes. Infelizmente, seu enfoque teológico foi muito menos extraordinário.

²⁴ Entendido aqui como por exemplo a obra BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, 463 p.

²⁵ Publicada recentemente em português pela editora Novo Século, S. Paulo.

²⁶ SCHWEITZER, Albert. **Die Mystik des Apostels Paulus**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1930, p. 220, conforme citado por STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo**. São Paulo: Vida Nova, 2003, 136p.

²⁷ Veja MONTEFIORE, C. G. “The Genesis of the Religion of St. Paul.” **Judaism and St Paul** (1914). Repr. New York: Arno, 1973. 1–129.

²⁸ Veja SCHOEPS, H. J. **Paul: the theology of the apostle in the light of Jewish Religious History**. London: Lutterworth, 1961.

²⁹ Veja DAVIES, W. D. **Jewish and Pauline Studies**. London: SPCK; Philadelphia: Fortress, 1984, e DAVIES, W. D. **Paul and Rabbinic Judaism**. London: SPCK/Philadelphia: Fortress, 1981

³⁰ Veja a excelente tese de SHEDD, Russell P. **Solidariedade da Raça**. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vale lembrar que o conceito de corpo de Cristo tinha sido relacionado com o misticismo gnóstico por diversos estudiosos do século XIX, ligados à Escola de Religiões Comparadas.

participa do reino de Deus, e dele desfrutará plenamente na morte. A escatologia perdeu o enfoque histórico e temporal, adquirindo tons mais platônicos. Já o prolífico estudioso alemão W. G. Kümmel enfatizou que tanto o aspecto presente e futuro da escatologia de Jesus e de Paulo tinham igual relevância e importância, equilibrando os dois elementos na balança.³¹ No caso da famosa trilogia de Oscar Cullmann,³² publicadas nos anos 50 e 60, deu ênfase ao conceito bíblico-judaico de história linear, em contraste com C. H. Dodd.³³

9. A NOVA PERSPECTIVA

A chamada nova perspectiva paulina é uma abordagem mais recente e distinta sobre o pensamento de Paulo. Três nomes estão ligados diretamente a tal interpretação do grande apóstolo: Krister Stendahl, E. P. Sanders e James D. G. Dunn. Foi o próprio James Dunn que denominou o novo enfoque de Nova Perspectiva de Paulo.³⁴ O movimento teve origem já em 1961, com o erudito sueco K. Stendahl, que reagiu contra a interpretação luterana tradicional do pensamento de Paulo. Stendahl, seguindo a sugestão de Schweitzer, defendeu a ideia de que a doutrina da justificação pela fé não podia ser o centro da mensagem paulina de salvação. Seguindo tal linha de raciocínio, em 1976 Stendahl descreve tal abordagem em *Paul Among Jews and Gentiles*.³⁵

Em 1977 E. P. Sanders publicou sua obra *Paul and Palestinian Judaism*³⁶; nela Sanders afirmou que o judaísmo de Israel não acreditava numa justificação pelas obras e também rediscutiu o significado da aliança do Antigo Testamento. Sanders dizia que a aliança do Sinai é a grande dádiva de Deus para Israel. O acesso a essa aliança não pode ser conquistado por Israel, pois lhe é dado pela graça divina. De fato, os israelitas continuarão na aliança se permanecem nela. Quando pecam, devem arrepender-se e oferecer sacrifícios. Portanto, Sanders entende que o judaísmo do primeiro século não era uma religião de justificação pelas obras, mas sim uma religião de graça. Logo, esse não era o problema do judaísmo para Paulo. Segundo ele, Paulo considerava a participação em Cristo e estar em Cristo muito mais importante que a justificação. Isso acabou deslocando essa doutrina para uma posição periférica.

De modo semelhante, James Dunn amplia a mesma linha de abordagem, que pode ser examinada em seus dois volumes de comentário de Romanos,³⁷ e na sua espessa obra sobre a teologia de Paulo.³⁸ Em resumo, Dunn afirma que o judaísmo antigo conhecia a justificação pela fé e nela cria, tendo como único deslize o exclusivismo que rejeitava os gentios, e que Paulo desejava apenas uma igualdade soteriológica entre judeus e gentios diante de Deus. Portanto, a justificação pela fé não tem centralidade na teologia paulina; é antes uma estratégia pragmática para facilitar sua missão aos gentios.

Portanto, a nova perspectiva entende que a teologia paulina tem sido malinterpretada pelo enfoque da Reforma protestante, e não traduz o verdadeiro pensamento do apóstolo. De fato, segundo o novo enfoque, Paulo nem se percebia numa nova religião, mas entendia que tinha a tarefa de levar o judaísmo para os gentios. Os questionamentos de Paulo sobre a lei devem ser lidos apenas sob a luz de sua missão aos gentios. Esclarecendo melhor: os argumentos de Paulo contra as “obras da lei” não diziam respeito à questão da justificação pela obediência à lei, mas simplesmente aos emblemas judaicos de identidade que separavam os judeus dos gentios. Tal avaliação, ainda que muitos dos adeptos da nova abordagem discordem, acabará entendendo que há duas vias soteriológicas na história da salvação: o nomismo da aliança do Antigo Testamento é o meio de salvação de Israel, e o evangelho livre da lei é o meio divino

³¹ Tendência também presente em G. E. LADD em sua *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos.

³² As obras *Cristologia do Novo Testamento* e *Cristo e o Tempo* foram recentemente publicadas em português pela editora Custom, São Paulo.

³³ ORR, 1998.

³⁴ O artigo *The New Perspective on Paul* foi publicado na *BJRL*, no. 65, em 1983.

³⁵ STENDAHL, Krister. *Paul among Jews and Gentiles*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

³⁶ SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion*. Philadelphia: Fortress Press, 1977. Veja também SANDERS, E. P. *Paulo, a lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulus, 1990, 247 p.

³⁷ DUNN, James D. G. *Word Biblical Commentary: Romans 1—8, e Romans 9—16*. Waco: Word, 1988.

³⁸ A *Teologia de Paulo* de James Dunn foi publicada recentemente em português pela editora Paulus.

de salvação para os gentios. A abordagem pretende suavizar o conflito judaico-cristão e desviar o embate soteriológico entre as duas tradições religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do resumo apresentado nas linhas acima, o que pode ficar de lição para nós com respeito ao pensamento de Paulo. Existem lições práticas e importantes para o ministério cristão a partir de tantos enfoques desencontrados e muitas vezes contraditórios.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a interpretação de Paulo tem dependido exageradamente de filosofias e perspectivas dominantes de uma determinada época. Paulo fica muitas vezes ofuscado pela sobreposição filosófica ou cultura que recai sobre sua pessoa. Isso deve nos levar a ler todas as abordagens com bastante crítica e tentar entendê-las dentro do próprio contexto em que surgiram.

Outra dificuldade que muitas das perspectivas sobre Paulo tem enfrentado é a leitura radical do pensamento do apóstolo. A amplitude cultural de Paulo, bem como seu raciocínio no mínimo dialético e os seus muitos escritos devem necessária impedir qualquer interpretação simplista e monodirecionada do grande apóstolo cristão. Muitos pensadores e teólogos sistemáticos ocidentais parecem querer praticar um reducionismo desnecessário com pensadores bíblicos. Se tal autor escreveu isso, ele não pode ter escrito outra obra que apresenta enfoque aparentemente muito distinto. Os estudos da teologia bíblica têm demonstrado que o leque de abrangência do pensamento bíblico, ou hebraico, é muito mais amplo do que estamos acostumados. Portanto, a retaliação crítica racionalista da Bíblia tem trabalhado com pressupostos metodologicamente inadequados para avaliar muito do texto bíblico, sem aqui querer defender um conservadorismo fundamentalista irrefletido, que, no fundo, é outro filho do iluminismo, tanto quanto o liberalismo crítico.

Muito da polarização estabelecida dentro do paulinismo parece ignorar o aspecto cronológico da vida de Paulo. Devemos considerar a possibilidade de um “desenvolvimento” do pensamento de Paulo. Parece improvável que a escatologia paulina possa ser percebida de modo estático. Além disso, é pouco provável que o Paulo que escreve a carta aos Gálatas ou 1 Tessalonicenses tenha contornos teológicos inalterados quando comparado com o Paulo das pastorais ou, pelo menos, das epístolas da prisão. Aliado a tal realidade, jamais poderemos desconsiderar os contextos específicos para os quais Paulo envia suas cartas. Muitas considerações precisam ser compreendidas dentro de um contexto particular, sem generalizações inadequadas.

Sem dúvida, Paulo é e continuará a ser o primeiro e grande teólogo do cristianismo. As distintas perspectivas sobre seu pensamento têm utilidade; ainda que mereçam muitas delas críticas atrozes, no mínimo conseguiram pelo menos levantar questões pertinentes e importantíssimas sobre o assunto. Cremos ser muito difícil concordar com a Nova Perspectiva e com outras abordagens semelhantes, afirmando que a justificação pela fé é periférica e secundária no pensamento paulino. Uma leitura simples de Romanos e de Efésios deixa claro que o tema é mais do que relevante para Paulo. Por outro lado, a redescoberta de Paulo como judeu deve ser bem recebida e aprofundada. Mesmo sendo o apóstolo dos gentios Paulo sempre se viu como judeu e pensou como um judeu de sua época. O enfoque mais recente sobre o assunto certamente será muito prolífico.

Por fim, devemos enfatizar que a busca de fontes e do cenário por trás de Paulo jamais poderão explicar plenamente a genialidade e o impacto de seus escritos. Não há dúvida, em nossa opinião, que Paulo possui grande originalidade e constrói um pensamento próprio e muito complexo. Até mesmo um fenomenólogo da religião irá concordar que tal empreitada só pode surgir de uma grande experiência. Para alguns uma simples manifestação da consciência transcendental, para os que costumam passar por ela uma revelação de Deus. Seria impossível entender Paulo sem voltar os olhos para a estrada de Damasco. O livro de Atos considera o fato tão imprescindível que o descreve três vezes (At 9, 22 e 26). O estudo muitas vezes científico e “neutro” de um assunto acabar por ser profundamente enganoso. Só quem passou por uma

experiência análoga à de Paulo poderá entender o impacto da conversão e da justificação pela fé em Cristo experimentada pelo apóstolo. É como pedir a um engenheiro que julgue uma obra de arte contemporânea, ou pedir a um comentarista americano de beisebol (neutro) que comente uma final de copa do mundo de futebol entre Brasil e Argentina. É muito provável que a “neutralidade” ou, se quisermos, “a plena heteroneidade” representará equívoco completo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Estudo NVI.** São Paulo: Vida, 2003, p. 2070.
- BORNKAMM, G. Paulo.** São Paulo: Teológica, 2003.
- BRUCE, F. F. Paulo, o apóstolo da graça:** sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.
- CARREZ, Maurice.** **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas.** São Paulo: Paulus, 1987.
- CARSON, D. A.: MOO, D. J.; MORRIS, L.** **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CASALEGNO, Alberto.** **Paulo:** Evangelho do amor fiel de Deus. São Paulo: Loyola, 2001.
- CERFAUX, L. Cristo na Teologia de Paulo.** São Paulo: Teológica, 2002.
- CERFAUX, L. O Cristão na Teologia de Paulo.** São Paulo: Teológica, 2003.
- COTHENET, Edouard.** **Paulo:** apóstolo e escritor. São Paulo: Paulinas, 1999.
- DAVIES, W. D. Jewish and Pauline Studies.** London: SPCK; Philadelphia: Fortress, 1984.
- DAVIES, W. D. Paul and Rabbinic Judaism.** London: SPCK/Philadelphia: Fortress, 1981.
- DUNN, James D. G.** **Word Biblical Commentary:** Romans 1—8, e Romans 9—16. Waco: Word, 1988.
- ELLIOT, Neil.** **Libertando Paulo:** a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997.
- FABRIS, Rinaldo.** **Paulo:** apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FEE, Gordon D.** **Para ler Paulo.** São Paulo: Loyola, 1996.
- GRUDEM, W.** **Teologia Sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2001.
- GUNDRY, R.** **Panorama do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1991.
- HALE, B. D.** **Introdução ao Estudo do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2001.
- HOWELL Jr, D. N.** **Biblioteca Sacra,** V.150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.
- KÄSEMANN, E.** **Perspectivas Paulinas.** São Paulo: Teológica, 2003.
- KEE, H. C.** **As origens cristãs em perspectiva sociológica.** São Paulo: Paulinas, 1983.
- KÜMMEL, W.** **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1982.
- LADD, G. E.** **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos.
- MEEKS, Wayne A.** **Os primeiros cristãos urbanos:** o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MONTEFIORE, C. G.** “The Genesis of the Religion of St. Paul.” **Judaism and St Paul** (1914). Repr. New York: Arno, 1973.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo:** tornar-se humano juntos. São Paulo: Paulus, 1982.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo:** biografia crítica. São Paulo: Loyola 2000.

PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho.** São Paulo: Paulinas, 1987.

PESCE, Mauro. **As duas fases da pregação de Paulo:** da evangelização à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996. Série Bíblica Loyola – 20.

ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo.** Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism:** a comparison of patterns of religion. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

SANDERS, E. P. **Paulo, a lei e o Povo Judeu.** São Paulo: Paulus, 1990, 247 p.

SCHOEPS, H. J. **Paul:** the theology of the apostle in the light of Jewish Religious History. London: Lutterworth, 1961.

SCHWEITZER, Albert. **Die Mystik des Apostels Paulus.** Tübingen: Mohr Siebeck, 1930.

SHEDD, Russell P. **Solidariedade da Raça.** São Paulo: Vida Nova, 1990.

SOARDS, M. "Paul", in: **Mercer Dictionary of the Bible.** Macon: Mercer University Press, 1990.

STENDAHL, Krister. **Paul among jews and gentiles.** Philadelphia: Fortress Press, 1974.

STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo.** São Paulo: Vida Nova, 2003.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional